

ANA PAULA PAIVA/VALOR

Turbulência global

PÁG. 40

RICUPERO: 'VIVEMOS O FIM DE UMA ERA'

Ex-ministro diz que, se Brasil é economicamente mais estável que Argentina, na política ainda há incertezas



ALEXANDRE CASSIANO

Contas em dia

PÁG. 41

NO CELULAR, LIÇÕES PARA MÃES POUPAREM

CVM ensina, no WhatsApp, mulheres do Dona Marta, como a guia de turismo Saleté (foto), a organizarem o orçamento

DO EMPREGO À INFORMALIDADE

200 mil a mais nas ruas

Crise leva trabalhadores que perderam vagas com carteira assinada a se tornarem ambulantes

DAIANE COSTA
daiane.costa@oglobo.com.br

A crise econômica empurrou trabalhadores para as ruas e abarrotou as calçadas dos centros urbanos. Para garantir renda para a sobrevivência, cerca de 200 mil novos ambulantes passaram a disputar espaço com pedestres nas vias das grandes cidades entre 2014 e 2017, quando o número de brasileiros ganhando a vida como camelôs chegou a quase 1,7 milhão. É o que mostram os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) Contínua, do IBGE. Segundo o instituto, apenas 5% desse contingente no país têm licença para trabalhar. A crise fez com que trabalhadores que antes tinham carteira assinada e, em alguns casos, até curso superior tivessem de trabalhar nas ruas.

No Estado do Rio, que tem a terceira maior população de ambulantes do Brasil, esse grupo cresceu 20% nos três últimos anos, para 145 mil em 2017. Em outros 14 estados, o aumento também foi de dois dígitos, com destaque para Bahia (26%) e São Paulo (25%). Boa parte desses novos ambulantes perdeu a estabilidade de um emprego com carteira assinada e passou a lidar com a imprevisibilidade do varejo informal.

— Na rua, você fica mais exposto a tudo — define a copeira Sueli dos Santos Freitas, de 45 anos, que começou a vender meias no Centro do Rio há seis meses e ainda tenta se acostumar. — No início, até pegar amizade, é mais difícil. Tem que ter um bom relacionamento com um comerciante, para ele deixar você usar o banheiro, e com os colegas de rua, para cuidarem da sua banca. Se chove ou venta, não dá para trabalhar. E ainda tem os guardas municipais. Quando alguém grita que eles estão vindo, é preciso recolher tudo rápido e correr com a mesa na cabeça.

No auge da crise, em 2015, Sueli foi demitida da empresa prestadora de serviços onde trabalhou por cinco anos. Era copeira num hospital. Não conseguiu mais uma vaga. Em maio de 2016, foi a vez de o marido perder o emprego de porteiro depois de ter trabalhado 16 anos no mesmo condomínio. O filho, bombeiro civil, está desempregado desde o fim dos Jogos Olímpicos. O jeito foi a família ir para o mesmo quarteirão do Centro vender meias.

— Trabalho desde os 12 anos e, depois dos 18, sempre com carteira assinada. Estou na rua agora por necessidade. Para poder levar o pão de cada dia para casa. Mas, se Deus quiser, vou sair daqui — diz Sueli, que não deixou de entregar currículo nas agências das redondezas nem parou de contribuir com o INSS, preocupada em contar tempo para a aposentadoria.

'UMA TÁBUA DE SALVAÇÃO'

Para Cimar Azeredo, coordenador de Trabalho e Rendimento do IBGE, o crescimento dos ambulantes é um indicativo de que a recuperação econômica ainda é fraca:

— Essas pessoas foram lançadas na rua contra a vontade. Ninguém sonha em ser ambulante. Mas, na atual conjuntura, encontram na informalidade uma tábua de salvação.

Em um largo próximo à banca de Sueli, um estudante vende cuecas para pagar a faculdade. Ele está no 4º período de Direito e pede para não se identificar. Mas conta que trabalhou por oito anos como vendedor de uma grande rede varejista até ser demitido no ano passado. Desde então, não conseguiu outro trabalho formal. Allan Felipe Sousa da Silva, 26, também perdeu o emprego na construção civil no ano passado. Há um ano e três meses vendendo óculos de sol a R\$ 10 para brasileiros e US\$ 10 para os turistas estrangeiros nas ruas, ele ganha quase o dobro do salário que tinha quando estava empregado. Mas não vê a hora de sair da rua:

— Tem muita concorrência. Estou sem pagar o INSS, não ganho mais alimenta-



MÁRCIA FOLETTO

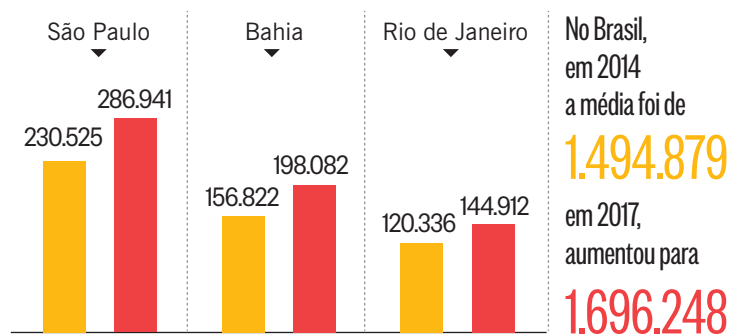
Sem alternativa. Depois de perder o emprego de copeira, não conseguir recolocação e ver o marido ser demitido, Sueli dos Santos Freitas começou a vender meias no Centro do Rio

TRABALHADORES DAS CALÇADAS

Pessoas que atuam como ambulantes

MÉDIA DO ANO

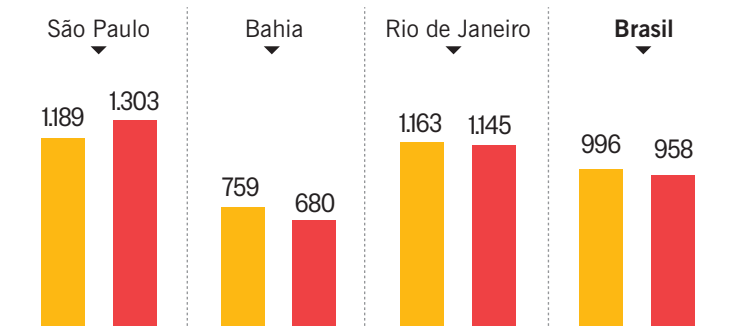
2014
2017



Renda média mensal do ambulante

REFERENTE AO 4º TRIMESTRE (R\$)

2014
2017



Fonte: IBGE

Editoria de Arte

ção nem tenho mais plano de saúde.

Apesar de muitos camelôs contarem que o que ganham com as vendas, sem descontos no contracheque, pode superar o salário que tinham no mercado formal, os dados do IBGE mostram que a renda média dos ambulantes não chega à metade da média de todos os trabalhadores. Com mais gente trabalhando nas ruas, o rendimento desse grupo caiu. No último trimestre do ano passado, dado mais recente do IBGE, somava R\$ 958. Há três anos, era de R\$ 996. No Estado do Rio, ainda que maior que a média nacional, também houve queda: de R\$ 1.163 para R\$ 1.145, no mesmo período.

O desemprego provocado pela crise também levou para a informalidade trabalhadores com qualificação. Formada em Administração, Marianne Silva, 26, trabalhou por cinco anos no setor administrativo de uma fabricante de doces. Há três, ela vende quentinhas na rua.

— Eu e muitos colegas fomos demitidos juntos. Na época, minha mãe já vendia comida na rua e estava cansada. Como não consegui mais emprego, resolvi ajudá-la e aqui fiquei — conta a jovem.

A atual explosão de ambulantes não é exclusividade da atual crise, que ainda desemprega 13,7 milhões de brasileiros. É um movimento recorrente no país em tempos de recessão, como nos anos 1980 e 1990, observa a cientista social e antropóloga Rosana Pinheiro Machado, que estuda o tema há 20 anos:

— No imaginário brasileiro, isso não é visto como um trabalho, mas hoje os ambulantes estão salvando o país de uma crise que poderia ser ainda maior.

Para Benedito Roberto Barbosa, advogado do Centro Gaspar Garcia de Direitos Humanos, de São Paulo, a falta de regulamentação de territórios próprios para ambulantes está por trás do caos urbano associado a esta atividade:

— O poder público, junto da sociedade, precisa definir que tipo de comércio é possível em cada região. Sem controle sobre o território, há infiltração de pessoas indevidas, e a informalidade se generaliza. Aumentam conflitos com a polícia, comerciantes e pedestres. ●

No Rio, mais de 5 mil esperam licença da prefeitura para camelô, na página 38

Corpo a Corpo

FERNANDO VELOSO

'Perda de capital humano pode ser irreversível'

Economista da FGV alerta para os impactos negativos do aumento da informalidade na produtividade e na retomada da economia

● **Quais são os impactos negativos do aumento da informalidade na economia?**

Uma maior informalidade diminui a velocidade da recuperação econômica, pois a produtividade do setor formal é cerca de quatro vezes maior que a do informal. Os negócios informais usam menos capital, menos tecnologia, empregam trabalhadores com menor escolaridade e qualificação e não têm acesso a crédito, ficando impossibilitados de crescer. E os ambulantes estão no extremo inferior da informalidade.

● **Isso quer dizer que, se esse grupo aumenta, prejudica ainda mais a retomada?**

Sim, pois você está deslocando trabalhadores para o setor menos produtivo de toda a cadeia. O fato de pessoas que tinham carteira terem ido para a rua mostra que a informalidade não só prejudica o crescimento como a recuperação da própria produtividade do trabalho. O ambulante é o trabalhador menos produtivo de todo o mercado de trabalho.

● **Quais são os impactos**

para esse trabalhador?

Numa empresa, a tendência é que a produtividade do trabalhador cresça em razão da vivência naquele ambiente, das experiências que ele vai acumulando e de seu desenvolvimento dentro daquele ambiente. Ao partir para a informalidade, há uma perda de capital humano.

● **Essa perda pode ser recuperada?**

Quanto mais tempo esse trabalhador passar na rua, mais persistente será essa perda, mais as habilidades dele ficarão defasadas. Talvez, quando ele voltar a ter um emprego com carteira, não consiga mais acompanhar as mudanças que estão acontecendo em termos de tecnologia e robótica, por exemplo. É uma perda que pode ser irreversível. ●

CRISE EMPURRA TRABALHADORES PARA AS RUAS

Veja depoimentos de quem saiu do mercado formal e passou a ser vendedor ambulante

globo.com/2qpxa0C